

Avaliação da aprendizagem segundo as diferentes abordagens de ensino-aprendizagem: uma releitura da análise de Mizukami (1986)

Learning assessment according to different teaching-learning approaches: a re-reading of Mizukami's analysis (1986)

Evaluación del aprendizaje según diferentes enfoques de enseñanza-aprendizaje: una relectura del análisis de Mizukami (1986)

Géssika Mendes Vieira¹
Vania Maria de Oliveira Vieira²

Resumo

Este artigo faz parte de um estudo maior, vinculado a uma pesquisa de mestrado desenvolvida em 2020, financiada pela CAPES e inserida na RIDEP - Rede Internacional de Pesquisas sobre o Desenvolvimento Profissional de Professores³. No estudo maior, o objetivo geral foi compreender as Representações Sociais dos alunos de um curso de Publicidade e Propaganda de uma IES mineira sobre as implicações dos instrumentos de avaliação da aprendizagem utilizados pelos seus professores. Para o alcance desse objetivo foi realizado um estudo a partir da obra de Mizukami (1986) sobre as diferentes abordagens de ensino-aprendizagem e como elas se manifestam na prática avaliativa. É disso que trata o presente artigo, cujo objetivo é analisar como as diferentes abordagens de ensino-aprendizagem descritas por Mizukami (1986) se manifestam na prática avaliativa, destacando suas características, processos e representantes, e avaliar a relevância dessas abordagens na atualidade. A partir de um estudo bibliográfico e exploratório, discutiu-se as abordagens Tradicional, Comportamentalista, Humanista, Cognitivista e Sócio-cultural e suas características, bem como os seus principais representantes. Foi possível verificar que cada abordagem percebe o processo avaliativo de uma forma diferente - a tradicional tem a perspectiva de medir as informações que o estudante reproduz, a comportamentalista busca constatar o que foi aprendido, a humanista não trabalha com padrões e considera o indivíduo como o centro do seu processo de aprendizagem, a cognitivista considera a assimilação e as noções do conhecimento e, por fim, a sócio-cultural trabalha com um processo contínuo de avaliação mútua da prática educativa entre estudante e professor.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem; Abordagens de ensino; Avaliação e abordagens de ensino.

¹ Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Uberlândia/MG, Brasil. E-mail: gessika.vieira@ufu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9303-002X>

² Universidade de Uberaba - UNIUBE. Uberaba/MG, Brasil. E-mail: vania.vieira@uniube.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9839-0235>

³ Este estudo, ao integrar a RIDEP, constitui também uma produção (produto) da pesquisa “Representações sociais sobre desenvolvimento profissional docente do professor iniciante na educação superior: contribuições de estudos em rede” financiada pelo CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Chamada CNPq/MCTI N° 10/2023 – Processo 405956/2023-1.

Abstract

This article is part of a larger study, linked to a master's research developed in 2020, funded by CAPES and included in RIDEP - International Research Network on the Professional Development of Teachers⁴. In the larger study, the general objective was to understand the Social Representations of students in an Advertising and Propaganda Course at a Minas Gerais HEI, about the implications of the learning assessment instruments used by their teachers. To achieve this objective, a study was carried out based on the work of Mizukami (1986) on the different teaching-learning approaches and how they manifest themselves in assessment practice. This is what this article is about, whose objective is to analyze how the different teaching-learning approaches described by Mizukami (1986) manifest themselves in assessment practice, highlighting their characteristics, processes and representatives, and to evaluate the relevance of these approaches today. Based on a bibliographic and exploratory study, we discussed the Traditional, Behaviorist, Humanist, Cognitivist and Sociocultural approaches and their characteristics, as well as their main representatives. It was possible to verify that each approach perceives the evaluation process in a different way - the traditional one has a perspective of measuring the information that the student reproduces, the behaviorist one seeks to verify what was learned, the humanist one does not work with standards and considers the individual as the center of his/her learning process, the cognitivist one considers the assimilation and notions of knowledge and finally, the sociocultural one works with a continuous process of mutual evaluation of the educational practice, between student and teacher.

Keywords: Learning assessment; Teaching approaches; Assessment and teaching approaches.

Resumen

Este artículo forma parte de un estudio más amplio, vinculado a una investigación de maestría desarrollada en 2020, financiada por CAPES e incluida en el RIDEP - Red Internacional de Investigación sobre el Desarrollo Profesional Docente⁵. En el estudio más amplio, el objetivo general fue comprender las Representaciones Sociales de los estudiantes de un Curso de Publicidad en una IES de Minas Gerais, sobre las implicaciones de los instrumentos de evaluación del aprendizaje utilizados por sus profesores. Para lograr este objetivo se realizó un estudio basado en el trabajo de Mizukami (1986) sobre los diferentes enfoques de enseñanza-aprendizaje y cómo se manifiestan en la práctica de la evaluación. De esto trata este artículo, cuyo objetivo es analizar cómo los diferentes enfoques de enseñanza-aprendizaje descritos por Mizukami (1986) se manifiestan en la práctica de la evaluación, resaltando sus características, procesos y representantes, y evaluar la relevancia de estos enfoques en la actualidad. A partir de un estudio bibliográfico y exploratorio, discutimos los enfoques Tradicional, Conductista, Humanista, Cognitivist y Sociocultural y sus características, así como sus principales representantes. Se pudo comprobar que cada enfoque percibe el proceso

⁴ This study, by integrating RIDEP, also constitutes a production (product) of the research “Social representations on the professional development of beginning teachers in higher education: contributions from network studies” funded by CNPq - National Council for Scientific and Technological Development, CNPq/MCTI Call No. 10/2023 - Process 405956/2023-1

⁵ Este estudio, en el marco del RIDEP, también constituye una producción (producto) de la investigación “Representaciones sociales sobre el desarrollo profesional docente de docentes principiantes en la educación superior: aportes de los estudios en red” financiada por el CNPq - Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico, Convocatoria CNPq/MCTI N° 10/2023 – Proceso 405956/2023

de avaliação de maneira diferente: el tradicional tiene una perspectiva de medir la información que el estudiante reproduce, el conductista busca verificar lo aprendido, el humanista no trabaja con estándares. y considera al individuo como el centro de su proceso de aprendizaje, el cognitivista considera la asimilación y nociones de conocimientos y finalmente, el sociocultural trabaja con un proceso continuo de evaluación mutua de la práctica educativa, entre alumno y docente.

Palabras clave: Evaluación del aprendizaje; Enfoques pedagógicos; Evaluación y enfoques pedagógicos.

Introdução

Para compreender o amplo universo educacional, é importante mencionar que a construção do conhecimento humano foi e é desenvolvida com base em diferentes referenciais, que destinaram conceitos distintos para explicar a pessoa humana, o mundo, a cultura, a sociedade, a educação e tantos outros aspectos da realidade (Mizukami, 1986). Dessa maneira, existem diferentes abordagens em torno de um mesmo significado, que resultam em formas também diferentes de conduzir o processo de ensino-aprendizagem nas escolas, nas salas de aula, e até mesmo a ação docente, como explica Mizukami (1986, p. 3):

[...] dentro de um mesmo referencial, é possível haver abordagens diversas, tendo em comum apenas os diferentes primados: ora do objeto, ora do sujeito, ora da interação de ambos. Algumas das abordagens, por exemplo, enfatizam o momento sócio-político-econômico, numa palavra, histórico; outras, por sua vez consideram apenas o homem em abstrato, desvinculado de um engajamento contextual de qualquer espécie.

Considerando as diferentes abordagens – Tradicional, Comportamentalista, Humanista, Cognitivista e Sócio-Cultural - e seus efeitos sobre o processo de ensino-aprendizagem, é importante apresentar os conceitos, o desenvolvimento e a aplicação em torno da avaliação da aprendizagem. Para discorrer sobre essas abordagens elegemos a obra de Mizukami (1986) “Ensino: as abordagens do processo”, que, embora tenha sido escrita há mais de 34 anos, pode ser considerada uma obra formativa, ainda muito citada na atualidade por discutir, de forma clara e minuciosa, as diversas abordagens. Nosso ponto de partida é uma pesquisa maior, que investigou as representações sociais de estudantes de uma IES mineira sobre as implicações dos instrumentos de avaliação da aprendizagem utilizados pelos professores. Nesse estudo, consideramos importante para a construção do aporte teórico a compreensão das abordagens avaliativas e suas aproximações com o que os estudantes

vivenciam em sala de aula. É possível que parte dos professores não identifique que ao avaliar se apoia em uma teoria específica, mas é possível percebermos as aproximações das abordagens com a prática.

O objetivo da pesquisa é analisar como as diferentes abordagens de ensino-aprendizagem, descritas por Mizukami (1986), manifestam-se na prática avaliativa, destacando suas características, seus processos e representantes. O estudo se baseia em uma pesquisa bibliográfica e exploratória. De acordo com Gil (2002, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Hoffmann (2018) elucida, em seus estudos, que a ação docente guarda relação com o modelo educativo que foi vivenciado pelo professor enquanto aluno. Portanto, os professores reproduzem a maneira como aprenderam, seja ela severa, à base de memorização, punitiva, comparativa e julga ou não. Nas palavras de Hoffmann (2018, p. 176): “Para muitos professores, chega a ser o primeiro momento de uma análise teórica a respeito. Seus procedimentos, até então, são meras reproduções de práticas vividas como estudantes”. Nesse sentido, nosso intuito é compreender as abordagens de ensino e seus vínculos com a avaliação da aprendizagem.

A abordagem tradicional

A abordagem Tradicional, segundo Mizukami (1986), está fundamentada em uma prática baseada na transmissão do conhecimento. Centrada no professor, essa linha pedagógica é externa ao aluno, ou seja, ele aprende sobre seu mundo externo, mas não é considerado parte desse processo. Essa concepção também considera a pessoa humana como um ser acabado e o aluno como um ser que chegará a essa fase quando for adulto. Segundo Saviani (1980 *apud* Mizukami, 1986), o papel do professor é fazer com que o aluno consiga o conhecimento, ele é a garantia de que essa transmissão possa acontecer, independente do interesse do aluno. Portanto, a pessoa humana, no mundo, é uma receptora passiva e o mundo é externo aos indivíduos. Mizukami (1986) ainda nos fala que a abordagem tradicional visa a perpetuação por meio da realidade que será transmitida aos indivíduos pela educação formal, imposta por instituições como a Igreja, a família e a escola.

Essa tendência alinha seus objetivos educacionais aos valores predominantes da sociedade em determinado contexto histórico e cultural. De modo geral, reflete os padrões e

as expectativas impostas pelas instituições sociais vigentes, como a família, a Igreja e a escola. Sobre isso, Mizukami (1986, p. 9) menciona que a reprovação do aluno “passa a ser necessária quando o mínimo cultural para aquela faixa não foi atingido, e as provas e exames são necessários para a constatação de que esse mínimo exigido para cada série foi adquirido pelo aluno”.

A abordagem Tradicional também defende que as atividades mentais são armazenadas e cabe ao ser humano acumular informações sobre o mundo externo a ele. Por isso, há preocupação com o passado, que é visto como um modelo para aprender lições. Mizukami (1986) aponta que, nessa abordagem, o papel do indivíduo na articulação e apropriação do conhecimento é minimizado, refletindo uma visão de que o aprendizado é centrado na transmissão de informações pelo professor. A relação professor-aluno é compreendida como uma relação de poder por parte do professor, que pode definir seus métodos, o conteúdo, a avaliação e os componentes de sua ação docente. O método expositivo é usado nessa tendência como uma forma de transmissão do conhecimento. Emoções e sentimentos são reprimidos por serem considerados como possíveis formas de atrapalhar o ensino. O aluno é limitado a ouvir as aulas passivamente, uma vez que não há liberdade para interações. Nesse contexto, existem disciplinas consideradas mais importantes que outras e com uma carga horária maior no currículo para serem trabalhadas em sala de aula.

A avaliação da aprendizagem na linha pedagógica tradicionalista procura fazer com que os alunos consigam reproduzir com afinco o que foi passado em sala de aula, medindo então o conhecimento dos alunos por essa reprodução de conteúdo nos exames. De acordo com Mizukami (1986, p. 17), “mede-se, portanto, pela quantidade e exatidão de informações que se consegue reproduzir. Daí a consideração de provas, exames, chamadas orais, exercícios, etc., que evidenciem a exatidão da reprodução da informação”. Desse modo, podemos perceber a utilização de uma avaliação somativa e classificatória em que as notas são baseadas na reprodução de informações, assim, os alunos que conseguirem reproduzir esse conteúdo vão obter as maiores somatórias e, então, ao final do período, serão classificados como “melhores” aqueles que reproduziram melhor esse conteúdo.

A abordagem comportamentalista

A abordagem Comportamentalista, na compreensão de Mizukami (1986), evidencia que o conhecimento resulta da experiência ou da experimentação, e que essas experiências

são a base do conhecimento. A pessoa humana é resultado das influências e das forças externas. De acordo com Skinner (1980, p. 208 *apud* Mizukami, 1986, p. 22), a pessoa humana, na abordagem Comportamentalista, é “produto de um processo evolutivo no qual essencialmente as mudanças acidentais no dote genético foram diferencialmente selecionadas por características acidentais do ambiente [...]”. Nesse sentido, Mizukami (1986) explica, de acordo com os estudos de Skinner (1980), que a pessoa humana é um produto do meio e pode ser manipulada por ele. O comportamento, nessa concepção, pode ser mudado segundo as necessidades, pois é o meio o fator determinante, em que a cultura representa um espaço para experimentação e compreensão do comportamento. Os autores ainda afirmam que a experiência planejada é a base do conhecimento, ou seja, o conhecimento é resultado da experiência. A educação, nessa concepção, tem como função transmitir conhecimentos relacionados a comportamentos, ética, habilidades, práticas, dentre outros. Compreende-se então a educação como uma prática poderosa e controladora, como mostra Mizukami (1986, p. 29):

[...] a escola é considerada e aceita como uma agência educacional que deverá adotar forma peculiar de controle, de acordo com os comportamentos que pretende instalar e manter. Cabe a ela, portanto, manter, conservar e em partes modificar os padrões de comportamento aceitos como úteis e desejáveis para uma sociedade, considerando-se um determinado contexto cultural. A escola atende, portanto, aos objetivos de caráter social, à medida que atende aos objetivos daqueles que lhe conferem poder.

Ainda em relação aos processos de ensino-aprendizagem, a abordagem Comportamentalista aponta que, para alcançar os comportamentos que são desejados e esperados dos alunos, é de suma importância a sujeição a regras impostas, tais como: “elogios, graus, notas, prêmios, reconhecimentos do mestre e dos colegas, prestígio etc., os quais, por sua vez, estão associados com uma outra classe de reforçadores mais remotos e generalizados” (Mizukami, 1986, p. 30). A autora compreende que essa abordagem comportamentalista tem foco na estruturação dos elementos para experiências curriculares, ou seja, os alunos são condicionados a seguirem determinado caminho para alcançarem o resultado esperado, essa programação os fará chegar ao caminho legitimado como desejável.

A respeito da Avaliação da Aprendizagem na Abordagem Comportamentalista, Mizukami (1986) sintetiza que ela ocorre no ritmo dos alunos, de maneira gradativa, em pequenas progressões, sem erros. A intenção é verificar se há aprendizagem e se os objetivos

foram atingidos por meio de um caminho estruturado. A avaliação, nessa concepção, tem ligações com o que foi discutido anteriormente - geralmente é realizada uma avaliação diagnóstica para que haja noção dos conhecimentos prévios e, a partir de então, possa ser traçado um caminho com vistas à aprendizagem. A autora menciona que, nesse caso, “a avaliação surge como parte integrante das próprias condições para a ocorrência da aprendizagem, pois os comportamentos dos alunos são modelados à medida que estes têm conhecimento dos resultados de seu comportamento” (Mizukami, 1986, p. 35). Dessa maneira, podemos constatar que, na abordagem Comportamentalista, é feito o uso da avaliação diagnóstica e também da avaliação somativa, visto que no final dos períodos são realizadas avaliações para verificação se houve aprendizagem por parte do aluno.

A abordagem humanista

A abordagem Humanista, segundo os estudos de Mizukami (1986), é uma linha que se concentra no sujeito e, a partir das literaturas mais estudadas no Brasil, destacam-se os autores C. Rogers e A. Neill⁶. A abordagem Humanista de Neill propõe o desenvolvimento sem intervenções e o sujeito como construtor dos saberes. Para o autor, “os livros são o material menos importante na escola. Tudo quanto a criança precisa aprender é ler, escrever, contar. O resto deveria compor-se de ferramentas, argila, esporte, teatro, pintura, liberdade.” (Neill, 1970, p. 23). Já os estudos de C. Rogers têm foco nas relações que cada sujeito constrói e no potencial que essas relações oferecem para o seu desenvolvimento, valorizando os aspectos emocionais e psicológicos. Portanto, “[...] não pode ocorrer verdadeira aprendizagem a não ser à medida que o aluno trabalhe sobre problemas que são reais para ele; tal aprendizagem não pode ser facilitada se quem ensina não for autêntico e sincero” (Rogers, 1959, p. 32).

A tendência Humanista, de acordo com Mizukami (1986), leva em conta o sujeito como único em todos os aspectos de sua vida. Esse sujeito é considerado um ser em construção, visto que ele está sempre descobrindo novas informações acerca de si e do mundo e essas descobertas o ligam a outras pessoas e situações. O mundo é elaborado pelo sujeito e, à medida que ele vive o seu exterior e interior, adquire novos significados.

Nos aspectos educacionais, todas as experiências que auxiliam no crescimento

⁶ Na obra “Ensino: as abordagens do processo”, da autora Mizukami, o autor é citado como A. Neil, contudo, o nome correto é A. Neill, forma que será utilizada neste trabalho. A escrita A. Neil foi mantida apenas em citações diretas.

individual e/ou coletivo são consideradas como uma forma de educação. Mizukami (1986, p. 45) afirma que:

[...] tanto em Rogers quanto em Neil pode-se constatar a ênfase na unicidade e dignidade do homem, o primado do sujeito. O processo da educação centrada no sujeito leva à valorização da busca progressiva de autonomia (dar-se regras a si mesmo, assumir na sua existência as regras que propõe ao próprio grupo e a si mesmo) em oposição à anomia (ausência de regras) e à heteronomia (normas dadas por outros).

A proposta de Rogers a respeito da educação pode ser considerada “um encontro deliberado e intencional entre pessoas que objetivam experiências significativas, crescimento, atualização e mudança, que devem caracterizar um processo buscado, escolhido” (Mizukami, 1986, p. 45). Ainda segundo a autora, as reflexões de Neill se dão em torno de “educação, mundo, homem e uma práxis que podem, igualmente, oferecer subsídios para uma ação pedagógica crítica e consciente” (Mizukami, 1986, p. 45).

A linha Humanista vê a escola como um lugar de acolhimento que proporciona condições para o desenvolvimento do sujeito em seu processo único e individual, respeitando-o em sua total liberdade de ser quem ele é. Mizukami (1986, p. 49) aponta que: “o ensino, numa abordagem como essa, consiste num produto de personalidades únicas, respondendo a circunstâncias também únicas, num tipo especial de relacionamento”. Essa abordagem valoriza o clima favorável à aprendizagem e ao desenvolvimento dos envolvidos no processo, norteado pelo respeito mútuo. O aluno está no centro do seu desenvolvimento, podendo criticar conteúdos, melhorá-los, aperfeiçoá-los e dispensá-los, principalmente, com relação à avaliação da aprendizagem.

A concepção Humanista não encontra sentido na padronização da Avaliação da Aprendizagem, uma vez que, se apenas o próprio sujeito pode relatar e conhecer sua experiência, não é válido adotar um padrão avaliativo. Valoriza-se a autoavaliação como um processo justo dentro dessa abordagem, no sentido de que a tendência Humanista considera que o sujeito é o centro da sua existência, então ele pode falar sobre a sua experiência de aprendizagem com honestidade. Como nos apresenta Rogers (1972, p. 142 *apud* Mizukami, 1986, p. 56): “a avaliação de cada um de sua própria aprendizagem é um dos melhores meios pelo qual a aprendizagem auto-iniciada se torna aprendizagem responsável”. A respeito da Avaliação da Aprendizagem, Neill (1963, p. 24 *apud* Mizukami, 1986, p. 55) afirma que “crianças, como adultos, aprendem o que desejam aprender. Toda outorga de prêmios e notas e exames desvia o desenvolvimento adequado da personalidade. Só os pedantes declaram que

o aprendizado *livresco* é educação”.

Para Rogers (1972, p. 5 *apud* Mizukami, 1986, p. 55), na aprendizagem,

[...] quando reunimos em um esquema elementos tais como currículo preestabelecido, “deveres idênticos” para todos os alunos, preleções como quase único modo de instrução, testes padronizados pelos quais são avaliados externamente todos os estudantes, e notas dadas pelo professor, como modo de medir a aprendizagem, então, quase podemos garantir que a aprendizagem dotada de significação será reduzida a sua expressão mais simples.

A partir da breve discussão acerca da abordagem Humanista sobre a pessoa humana, a educação e seus processos, é possível constatar que essa tendência prima pelo resgate dos valores da pessoa humana, estando ela no centro, reconhecendo suas particularidades e habilidades.

A abordagem cognitivista

A abordagem Cognitivista está atrelada à busca pela compreensão da sistematização do conhecimento, ou seja, em como ele se dá e se organiza na percepção do sujeito. Mizukami (1986, p. 59) esclarece que uma abordagem Cognitivista resulta em: “estudar cientificamente a aprendizagem como sendo mais que um produto do ambiente, das pessoas ou de fatores que são externos ao aluno”. Assim, essa abordagem vai ao encontro da organização do conhecimento e do entendimento de como ocorre o processamento das informações.

Tal abordagem, como comenta Mizukami (1986), é interacionista, visto que o sujeito e o mundo externo são analisados juntamente e o conhecimento adquirido resulta dessa interação.

Os estudos de Piaget (1969) a respeito do desenvolvimento cognitivo valorizam a importância das interações sociais para o desenvolvimento cognitivo. O autor comenta que podem ser observadas “acelerações ou retardamentos segundo os diferentes meios sociais e a experiência adquirida” (Piaget, 1969, p. 22).

Mizukami (1986) elucida que a realidade externa e suas normas, valores, referências, significados e tantas outras características que acompanham os grupos sociais podem variar, pois as estruturas sociais e suas maneiras de viver mudam de acordo com o nível de desenvolvimento mental das pessoas que compõem esses grupos. O conhecimento, na linha

cognitivista, é uma constante construção e a educação tem como finalidade auxiliar no desenvolvimento natural do ser humano, visando que os sujeitos encontrem sua autonomia, essa que não seria possível sem o contato e a interação com o mundo exterior.

Nessa abordagem, a escola é um lugar para o desenvolvimento das diversas faculdades do sujeito, em que ele pode aprender e conhecer habilidades próprias. Nela, é valorizado o desenvolvimento das habilidades motora, mental e verbal, assim como o desenvolvimento do aluno por suas próprias ações, pelo trabalho em grupo e pela liberdade de ação (Mizukami, 1986). É válido mencionar que a autora em questão fundamentou seus estudos sobre a abordagem Cognitivista na Teoria de Piaget, sendo assim, argumenta que:

[...] na teoria piagetiana pode-se constatar o estabelecimento de relações entre a cooperação e a formação/desenvolvimento intelectual. Assim, não seria possível existir na escola uma verdadeira atividade intelectual, baseada em ações, investigações e pesquisas espontâneas, sem que houvesse uma livre cooperação dos alunos entre si e não apenas entre professor e alunos (Mizukami, 1986, p. 73).

É apreciado um ensino que valorize a inteligência e o progresso dos educandos levando em consideração o contexto social. Acredita-se que o conhecimento acontecerá verdadeiramente quando o sujeito se tornar o responsável pela sua elaboração. “Sob tal perspectiva, o ensino consistiria em organização dos dados da experiência, de forma a promover um nível desejado de aprendizagem” (Mizukami, 1986, p. 76). A metodologia dessa abordagem não é definida, Mizukami (1986) compreende que não existe um modelo pedagógico piagetiano, mas sim, uma teoria que sugere implicações para o ensino, a inteligência e o progresso, que advém das trocas e das interações com o meio através da vivência do sujeito.

A Avaliação da Aprendizagem na abordagem Cognitivista não segue uma proposta tradicional de exames, segundo Mizukami (1986), ela decorre de investigações que permitirão verificar se os educandos se apropriaram de alguma noção ou relação com o objeto de estudo. “Uma das formas de se verificar o rendimento é através de reproduções livres, com expressões próprias, relacionamentos, reprodução sob diferentes formas e ângulos, explicações práticas, explicações causais etc.” (Mizukami, 1986, p. 83.) Nesse sentido, podemos compreender que a abordagem Cognitivista preza por entender o educando sob a sua perspectiva de aprendizagem, sem desprezar inclusive o que é considerado como “resposta errada”, pois a intenção é considerar que cada educando possui uma interpretação e uma

vivência do mundo exterior. “Não há, pois, pressão no sentido de desempenho acadêmico e desempenhos padronizados, durante o desenvolvimento cognitivo do ser humano” (Mizukami, 1986, p. 83).

A abordagem sócio-cultural

A abordagem Sócio-cultural, conforme compreendida por Mizukami (1986), é considerada intervencionista, porém com ênfase no sujeito como criador do conhecimento. A pessoa humana está inserida no seu contexto histórico e se torna sujeito da educação. Segundo essa abordagem, “não existem senão homens concretos, situados no tempo e no espaço, inseridos num contexto sócio-econômico-cultural-político, enfim, num contexto histórico” (Mizukami, 1986, p. 86).

Respalhada pelos estudos de Paulo Freire (2018), a abordagem entende que a educação só terá sentido quando levar os sujeitos a refletirem sobre o seu ser e estar no mundo, valorizando sua vocação como sujeito e o contexto em que está inserido. A partir da reflexão e da conscientização sobre a realidade em que está inserido, ele poderá modificá-la. Nesse contexto, a educação é vista como uma ferramenta com vistas a auxiliar o próprio sujeito e não como um meio para fazer dele um ser para se encaixar no modelo social.

Freire (2018, p. 87, grifos do autor) faz uma crítica à educação bancária, que se opõe aos princípios da abordagem sociocultural. Ele afirma que esse modelo de ensino:

[...] sugere uma dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo. Concebe a sua consciência como algo especializado neles e não aos homens como “corpos conscientes”. A consciência como se fosse alguma seção “dentro” dos homens, mecanicistamente compartimentada, passivamente aberta ao mundo que a irá “enchendo” de realidade. Uma consciência continente a receber permanentemente os depósitos que o mundo lhe faz, e que se vão transformando em seus conteúdos. Como se os homens fossem uma presa do mundo e este, um eterno caçador daqueles, que tivesse por distração “enchê-los” de pedaços seus.

A abordagem Sócio-cultural compreende o conhecimento e a educação a partir da conscientização do sujeito envolvido no processo educativo, ou seja, a reflexão e a conscientização sobre si e sobre o contexto inserido irão auxiliar o indivíduo no seu desenvolvimento. Nesse contexto, a educação promove a conscientização e é um processo

contínuo que, com progressão, aproximará cada vez mais o sujeito de sua consciência crítica e transformadora. “O homem se constrói e chega a ser sujeito na medida em que, integrado em seu contexto, reflete sobre ele e com ele se compromete, tomando consciência da sua historicidade” (Mizukami, 1986, p. 90).

A escola e o ensino, na linha pedagógica sociocultural, devem ser construídos com o aluno e não para o aluno, promovendo um espaço de diálogo e construção coletiva do conhecimento. Freire (2018, p. 25) afirma que a educação é um processo de libertação e transformação no qual os sujeitos são protagonistas de sua aprendizagem e agentes de mudança social: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Nessa perspectiva, a escola se torna um lugar de libertação, que auxilia os sujeitos a problematizarem, a se conscientizarem sobre sua realidade e a superarem as contradições sociais. Freire (2018, p. 93) ressalta que a verdadeira libertação ocorre quando os indivíduos, por meio da ação e da reflexão, são capazes de transformar o mundo: “A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. [...] É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

A metodologia da abordagem Sócio-cultural, apresentada como um método freireano de alfabetização, dá-se por meio do “levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalha; escolha das palavras geradoras; criação de situações existenciais típicas do grupo [...]” (Mizukami, 1986, p. 101). Tal método de aprendizagem tem como finalidade principal ensinar a partir da realidade dos educandos, ou seja, a partir do que é conhecido para eles, por meio de um diálogo horizontal que facilite e possibilite aos mesmos compreenderem sobre si e sobre sua realidade, mediante o conhecimento do que vivenciam.

A Avaliação da Aprendizagem na Abordagem Sócio-Cultural é compreendida por meio da autoavaliação e/ou avaliação mútua permanente da prática educativa (Mizukami, 1986). Nessa abordagem, os exames tradicionais, classificatórios e seletivos não são considerados como satisfatórios, valoriza-se a avaliação como uma prática inerente ao processo educativo e, por isso, os alunos e os docentes podem expor suas dificuldades e perspectivas sobre a apropriação do conhecimento nesse processo, priorizando então a construção de saberes. Para Freire (2019, p. 110): “[...] em favor da compreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do que fazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o falar à

como caminho do falar com.” Assim, a abordagem Sócio-cultural tem a avaliação da aprendizagem como uma importante ferramenta no processo de aprender.

Nas palavras de Freire (2001, p. 11):

A segunda razão por que a avaliação se impõe está exatamente na necessidade que têm os seus sujeitos de, acompanhando passo a passo a ação dando-se, observar se seus objetivos estão por ser alcançados. Afinal, verificar se a prática está levando à concretização do sonho por causa do qual estamos praticando. Neste sentido, a avaliação da prática é fator importante e indispensável à formação da educadora. Quase sempre, lamentavelmente, avaliamos a pessoa da professora e não sua prática. Avaliamos para punir e não para melhorar a ação dos sujeitos e não para formar.

Dessa maneira, podemos perceber que a avaliação da aprendizagem, na abordagem Sócio-cultural, adota uma concepção formativa e dialógica, sendo compreendida como parte sinalizadora do processo de ensino-aprendizagem.

Sintetizando as abordagens, as características gerais, os processos avaliativos e os principais representantes

Para sintetizar o conteúdo das abordagens discutidas na obra de Mizukami (1986), apropriaremos-nos da resenha de Cunha (2017, p.1;5) no que se refere às características gerais, à avaliação e aos principais representantes de cada abordagem.

Quadro 1 - Características gerais, avaliação e principais representantes das abordagens de ensino

Abordagens	Características gerais	Avaliação	Principais representantes
Tradicional	Busca conduzir o aluno ao contato com as grandes realizações da humanidade. Volta-se para o que é externo ao aluno: o programa, as disciplinas, o professor.	Realizada visando a exatidão da reprodução do conteúdo trabalhado na aula. Mede a quantidade e a exatidão das informações que o aluno consegue reproduzir. Exame: fim em si mesmo. Notas: na sociedade, demonstração de patrimônio cultural	Dürkheim, Chartier, Snyders.
Comportamentalista	Denominada também como Behaviorista. O organismo está sujeito às contingências do meio.	Constatar o que o aluno já aprendeu, se já atingiu os objetivos propostos. Processo: no início (pré-	Skinner, Popham, Gerlach e Briggs, Glaser,

Abordagens	Características gerais	Avaliação	Principais representantes
	<p>Origem empirista: o conhecimento é o resultado direto da experiência.</p> <p>O comportamento humano pode ser modelado e reforçado através de recompensas e controle</p>	<p>testagem), no decorrer do processo (reorganização) e no final (conhecer se os comportamentos desejados foram adquiridos).</p>	<p>Papay, Madsen</p>
Humanista	<p>Enfoque no sujeito: principal elaborador do conhecimento humano.</p> <p>Ênfase nas relações interpessoais, na vida psicológica e emocional, na personalidade do indivíduo em seus processos de construção pessoal da realidade.</p> <p>Pessoa integrada.</p>	<p>Encontra-se um desprezo por qualquer padronização de produtos de aprendizagem e competências.</p> <p>Crianças e adultos aprendem o que desejam aprender.</p> <p>Autoavaliação (com critérios, só o indivíduo pode conhecer a sua experiência).</p>	<p>Carl Rogers, Alexander Neill, Erich Fromm.</p>
Cognitivista	<p>Estuda cientificamente a aprendizagem.</p> <p>Ênfase em processos cognitivos, na investigação científica e na capacidade do aluno de integrar informações e processá-las.</p> <p>Abordagem interacionista.</p>	<p>A avaliação deverá ser realizada a partir de parâmetros extraídos da própria teoria e implicará em verificar se o aluno adquiriu noções, conservações, realizou operações, estabeleceu relações, etc.</p> <p>O controle do aproveitamento deve ser apoiado em múltiplos critérios, considerando a assimilação e a aplicação do conhecimento</p>	<p>Jean Piaget, Jerome Bruner, Henry Wallon.</p>
Sócio-cultural	<p>Enfatiza aspectos sócio-político-culturais, preocupando-se com a cultura popular.</p> <p>Movimento de Cultura Popular: possibilitar uma real participação do povo como sujeito de um processo cultural.</p>	<p>Autoavaliação e/ou avaliação mútua e permanente da prática educativa, por professor e aluno</p>	<p>Vigotsky, Paulo Freire, Álvaro Vieira Pinto.</p>

Fonte: Adaptado de Cunha (2017, p. 1;5).

Abordagens de Ensino e Avaliação da Aprendizagem: dados sobre a pesquisa maior

Como mencionamos anteriormente, este estudo é parte de uma pesquisa maior que investigou as representações sociais de estudantes de uma IES sobre os instrumentos

Revista *Devir Educação*, Lavras, vol.9, n.1, e-920, 2025.

avaliativos utilizados pelos seus professores. Com base nesse estudo⁷, apresentamos e discutimos alguns instrumentos utilizados segundo os relatos dos participantes da pesquisa, e os vinculamos às abordagens de ensino exploradas por Mizukami (1986). Assim, consideramos que:

[...]os instrumentos avaliativos fazem parte da Avaliação da Aprendizagem e do processo de conhecimento entre professor e aluno. Os instrumentos são o aporte para verificar a aprendizagem e não julgar, excluir ou classificar. Os instrumentos avaliativos são auxiliares nesse processo que envolve educandos e professores com realidades, habilidades e formas de expressão distintas. (Vieira, 2021, p. 69)

A abordagem Tradicional está fundamentada na transmissão do conhecimento, é centrada no professor como a figura de autoridade que controla o processo de ensino. Os alunos são vistos como receptores passivos do conhecimento, cujo papel principal é memorizar e reproduzir informações. A avaliação, nessa abordagem, é feita para medir a quantidade e a precisão das informações que os alunos conseguem reproduzir, utilizando métodos como provas e exames (Mizukami, 1986). Este enfoque se manifesta na prática dos professores da IES onde realizamos a pesquisa maior - a prova objetiva é um dos instrumentos mais utilizados, apesar de haver críticas de alunos que a consideram “antiquada” (Vieira, 2021).

A abordagem Comportamentalista destaca que o conhecimento é um resultado direto da experiência e do comportamento observável, moldado por estímulos externos. Os professores que adotam essa abordagem tendem a utilizar avaliações contínuas e graduais, com o objetivo de verificar se os comportamentos desejados foram adquiridos pelos alunos. Na pesquisa de Vieira (2021), observamos a utilização de seminários e trabalhos em grupo como instrumentos avaliativos que promovem a participação ativa dos alunos, nesse sentido, é possível considerar que esses instrumentos façam parte dessa abordagem, visto que envolvem práticas de comportamento observável.

A abordagem Humanista se centra no desenvolvimento integral do indivíduo, valorizando suas experiências emocionais e psicológicas. Carl Rogers (1959) e Alexander Neill (1970) destacam-se como representantes dessa abordagem, que propõe uma educação

⁷ VIEIRA, Géssika Mendes. **As representações sociais de estudantes da UNIUBE sobre os instrumentos de avaliação da aprendizagem**. Dissertação (Mestrado em Educação). Orientadora: Vania Maria de Oliveira Vieira. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Uberaba, 2020.

centrada na pessoa, respeitando sua individualidade e autonomia. A avaliação humanista rejeita a padronização e favorece a autoavaliação, permitindo que o aluno reflita sobre seu próprio processo de aprendizagem (Mizukami, 1986). A pesquisa de Vieira (2021) revela que os alunos valorizam instrumentos de avaliação que consideram seu desenvolvimento pessoal e autonomia, como os portfólios e os mapas conceituais, que permitem uma reflexão crítica e autônoma sobre seu aprendizado.

A abordagem Cognitivista, fundamentada nos estudos de Jean Piaget (1969), foca-se na maneira como o conhecimento é processado e organizado pela mente humana. Essa abordagem valoriza a interação entre o sujeito e o ambiente, promovendo uma compreensão dos conceitos por meio de métodos investigativos (Mizukami, 1986). No trabalho de Vieira (2021), observamos que a utilização de instrumentos como “pesquisas” e “relatórios” promove a assimilação e a aplicação do conhecimento, permitindo que os alunos demonstrem suas capacidades cognitivas de forma prática e contextualizada.

A abordagem Sócio-cultural, influenciada por Paulo Freire (2018), enfatiza a importância da conscientização crítica e da transformação social através da educação. A avaliação é vista como um processo contínuo e dialógico, envolvendo a autoavaliação e a avaliação mútua entre professores e alunos. Os resultados da pesquisa de Vieira (2021) indicam que os alunos apreciam métodos avaliativos que promovem a reflexão crítica e a participação ativa, como os “fóruns de discussão” e os “debates”, que permitem uma aprendizagem colaborativa e contextualizada.

A análise das abordagens pedagógicas na visão de Mizukami (1986) revela a diversidade de perspectivas sobre o processo educativo e a avaliação da aprendizagem. Cada abordagem apresenta suas particularidades e contribuições para a prática educativa, oferecendo uma gama de métodos e estratégias que podem ser adaptadas conforme o contexto e as necessidades dos alunos. Segundo Rampazzo (2011, p. 6), “há instrumentos de avaliação que são mais utilizados e precisam ser refletidos quanto a sua elaboração; adequação aos objetivos, conteúdo e metodologia; aplicabilidade; correção e devolução dos resultados”.

A relevância científica desta análise reside na integração dessas diferentes perspectivas, proporcionando uma base para a compreensão, a escolha adequada e a implementação de práticas pedagógicas mais eficazes e inclusivas.

Os resultados do estudo de Vieira (2021) mostram que, embora existam críticas a certos instrumentos avaliativos, a integração das abordagens comportamentalista, humanista,

cognitiva e sócio-cultural resulta em práticas avaliativas que são valorizadas pelos estudantes e que se complementam no processo avaliativo. Essa integração demonstra avanços quando entendemos que é possível promover processos avaliativos que considerem não apenas o desempenho acadêmico, mas também o desenvolvimento pessoal e crítico dos estudantes.

Considerações finais

Em nosso estudo apresentamos cinco abordagens pedagógicas: Tradicional, Comportamentalista, Humanista, Cognitivista e Sócio-cultural. A abordagem Tradicional é centrada na transmissão do conhecimento, enquanto a Comportamentalista destaca a experiência como base do conhecimento. A abordagem Humanista valoriza o sujeito como construtor do saber, enquanto a Cognitivista busca compreender a sistematização do conhecimento e como ocorre o processamento de informações. Por fim, a abordagem Sócio-cultural considera o sujeito como criador do conhecimento inserido em seu contexto histórico.

Cada abordagem tem suas características específicas, influenciando a prática educativa e, por consequência, a avaliação da aprendizagem. A avaliação na abordagem Tradicional, por exemplo, busca medir a quantidade e a exatidão de informações reproduzidas pelos alunos. Na abordagem Comportamentalista, a avaliação é gradual, ocorrendo em pequenas progressões, enquanto na Humanista se valoriza a autoavaliação e a ausência de padrões fixos. A abordagem Cognitivista se foca na interação do sujeito com o meio, e a avaliação verifica a apropriação de noções e relações. Já na abordagem Sócio-cultural, a avaliação é vista como parte integrante do processo educativo, incentivando o diálogo e a construção de saberes.

A análise das abordagens pedagógicas segundo Mizukami (1986) e os dados da pesquisa de Vieira (2021) revelam uma diversidade de perspectivas sobre o processo educativo e a avaliação da aprendizagem. Cada abordagem oferece métodos e estratégias distintas, que podem ser adaptadas conforme o contexto e as necessidades dos estudantes.

Para nós, foi possível perceber que as abordagens pedagógicas desempenham um papel fundamental na definição e na adoção das práticas educativas e, por extensão, nos métodos de avaliação da aprendizagem. Compreender essas abordagens é essencial para analisar como os professores conduzem o ensino e avaliam o desempenho dos alunos, contribuindo para uma reflexão crítica sobre os processos educacionais.

Referências

CUNHA, Luci Ana Santos da. Ensino: as abordagens do processo. **Revista de Educação APEOESP**, São Paulo, jan. 2017. Resenha da obra de: MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: E.P.U., 1992. (Temas básicos de educação e ensino).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola a universidade. 32. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2018.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

NEILL, Alexander Sutherland. **Liberdade sem medo**. São Paulo: IBRASA, 1970.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Tradução: Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969.

ROGERS, Carl Ransom. Significant learning in therapy and in education. **Alexandria**, [S.l.], n. 16, p. 232-242, 1959.

Vieira, Géssika Mendes. **As representações sociais de estudantes da Uniube sobre os instrumentos de avaliação da aprendizagem**. 2021.190 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Orientadora: Vania Maria de Oliveira Vieira. Universidade de Uberaba, Uberaba. Disponível em: [GÉSSIKA MENDES VIEIRA.pdf \(uniube.br\)](#)

Recebido: julho/2024.
Aprovado: novembro/2024
Publicado: janeiro/2025.